

HELVÉCIA: HOMENS, MULHERES E EUCALIPTOS – HISTÓRIAS DE SONHOS, CONFLITOS E DORES.

Liliane M^a Fernandes Cordeiro Gomes¹

Resumo: *A eucaliptocultura é uma atividade econômica que se encontra em franca expansão na região do extremo sul da Bahia desde os anos de 1980. Este cultivo se faz presente de forma acintosa no distrito de helvécia, área quilombola, que pertence ao município de Nova Viçosa. No primeiro momento, quando da implantação da eucaliptocultura no referido distrito, houve por parte de integrantes da comunidade, a esperança de que ali estaria se iniciando um tempo de progressos e conquistas socioeconômicas. As propagandas midiáticas, o discurso dos políticos locais e das empresas de eucalipto que ali se instalavam, faziam crer que aquela atividade econômica iria gerar empregos e fazer uso da mão-de-obra da localidade, dando, principalmente aos jovens, oportunidades de colocação no mercado de trabalho e ascensão social. Com o passar dos anos, as fraturas entre o prometido e o realizado começam a se fazer visíveis, implicando na existência de conflitos e resistências, além de engendrar deslocamentos de membros da comunidade, de seu lugar, em busca de alternativas de emprego e sobrevivência. Este trabalho tem como objetivo identificar significados destes conflitos para a comunidade quilombola de Helvécia, conhecer como essa comunidade reage no seu cotidiano frente à eucaliptocultura e às transformações que esta engendrou naquele espaço.*

Palavras-chave: Eucaliptocultura; Resistências; Cotidiano.

O presente artigo intenta discutir como a comunidade quilombola de Helvécia se organiza no seu cotidiano, frente à expansão da atividade econômica da eucaliptocultura, que ali se encontra em franco desenvolvimento desde 1980, analisando algumas das fraturas entre o prometido e o realizado, naquilo que diz respeito aos discursos de progresso e promessas de benesses para o distrito de Helvécia, bem como os significados dos conflitos tecidos a partir dessas fraturas que, por vezes, implicam no deslocamento de homens e mulheres de Helvécia para outros lugares em busca de alternativas de emprego e sobrevivência.

Faz-se necessário esclarecer que o mesmo é fruto de uma pesquisa que se inicia, sendo assim, nele se verifica uma série de possibilidades de aprofundamentos das discussões indicadas. Acredita-se, entretanto, que o caminho de construção de uma pesquisa seja rico e, por isso mesmo, capaz de suscitar reflexões significativas que justifiquem sua socialização.

Na elaboração desta pesquisa, faz-se uso, entre outras, de fontes orais, não por creditar às mesmas ineditismo, mas por compreendê-las como de vital importância no processo de conhecimento de experiências vivenciadas em Helvécia, à medida que a partir das falas e silêncios, lembranças e esquecimentos da-se-á dizibilidade e visibilidade àquilo que traduz ou indica conflito nas relações cotidianas dessa comunidade com os diversos segmentos responsáveis pelo desenvolvimento da eucaliptocultura.

Tal opção traz em si a indicação de que não se espera coletar, a partir das entrevistas, apenas meras informações ou dados quantitativos a respeito da atividade produtora de eucalipto no distrito de Helvécia. Acredita-se na existência de uma ligação enriquecedora entre oralidade, tradição e experiência, traduzida na construção de narrativas. Nestas, “o narrador retira da

¹ Formada em História pela Universidade de Brasília – UnB, professora substituta do Departamento de Educação / campus X – UNEB, Professora da Faculdade do Sul da Bahia- FASB, aluna do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas – campus V / UNEB, Santo Antônio de Jesus – BA.

experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”(BENJAMIN, 1994, p. 201). Esta tessitura, existente na troca de experiência de pessoa para pessoa, possibilita o relato de saberes construídos em um tempo passado e não passíveis de uma comprovação no tempo presente. Talvez resida aí a riqueza de se ouvir o outro falar sobre o seu viver, comunicando aquilo que se encontra para além do relato, aquilo que está no universo do sentido, vivido, experienciado.

Ainda no que concerne ao método de pesquisa utilizado, vale dizer que os conflitos e as violências impetradas pelo modelo agro-exportador serão analisados a partir de dados qualitativos, posto que se compreende que não exista uma implicação direta entre a importância simbólica da violência e a quantidade de existência da mesma. Neste sentido, recorreremos à defesa feita por Thompson (2001), de que o contexto simbólico deva ser levado em consideração na análise de episódios de violência, pois a esses episódios são atribuídos valores que variam em razão do referido contexto e que não aparecem numa análise puramente quantitativa.

Interessa-nos saber, por exemplo, como as pessoas se sentem ao terem seus espaços, antes conhecidos e individualizados, agora homogeneizados pelo plantio do eucalipto. A fala a seguir nos dá uma pista no sentido de nos aproximarmos, por assim dizer, dessa sensação, “Eucalipi tá pertinho assim do Comércio [Helvécia], tomando mermo. Isso aí que eu não me senti bem [...] eucalipi tá dentro do Comércio.[...] e a maioria desse pessoal lá perto venderam a terra toda, então a terra que eles venderam foi tudo pra Aracruz, aí virou eucalipi”², onde a proximidade do plantio é denunciada nas entrelinhas como algo agressivo, e a venda das terras para a Aracruz é interpretada como uma imediata transformação destas em eucalipto, traduzida na expressão: “aí virou eucalipi”.

Compreende-se, pelo exposto, que para se conhecer, minimamente, aquilo que é vivenciado pelas pessoas de Helvécia, seja necessário levar em consideração o contexto simbólico destes homens e mulheres, afinal, a análise da eucaliptocultura vista “a partir de cima” pode encobrir fissuras, desalentos não quantificados, mas sim vivenciados e traduzidos nas falas daqueles que moram em Helvécia e muito tem a nos narrar do lugar que ocupam, de uma perspectiva “a partir de baixo” (THOMPSON, 2001, p.245.), como nos indica Roseli ao dizer que “é muito fácil falar sobre uma realidade quando não se mora e não se está vivendo o dia-a-dia do lugar. Mostrar isso por intermédio de gráficos bonitos e enfeitados é muito fácil.”³

Exatamente por não acreditar que as mudanças econômicas analisadas de forma pontual e descoladas da realidade sócio-cultural, através, por exemplo, de “gráficos bonitos e enfeitados” possam dar conta da complexidade existente nas relações sociais, bem como por entender, a partir das leituras de Maria Odila (DIAS, 1995), que o estudo do cotidiano seja de fundamental importância para que se compreenda as tensões sociais, é que se pretende aqui ir além da descrição do impacto econômico da eucaliptocultura no distrito de Helvécia.

Buscando-se, dentro dos limites possíveis, conhecer um pouco dos costumes destes homens e mulheres que têm um sentimento de pertença em relação à Helvécia, analisando de que forma a implantação de uma atividade econômica monocultura agro-exportadora se relaciona e/ou se fricciona com os costumes ali existentes naquilo que diz respeito não só ao universo do trabalho, mas também àquilo que é experienciado por essas pessoas nos seus mais variados espaços de atuação, e que no dinamismo histórico faz ver suas transformações quando se pensa no aqui-ontem e no aqui-hoje

² Sra. Célia Maria Silva Zacarias. Entrevista concedida à autora em 15/03/2007.

³ Depoimento n. 1595/05 de 18/10/2005, na Comissão de Meio Ambiente Sustentável da Câmara dos Deputados – DETAQ, dado pela senhora Roseli Ricardo Constantino, integrante da Associação Quilombola de Helvécia, pedagoga e professora daquela comunidade.

Antes era comum, todo sábado, haver uma festa, um bate-barriga⁴, um samba de viola. Era muito comum no local: hoje, na comunidade do Sr. João; amanhã, na de D. Maria. Atualmente, nada disso existe. As pessoas estão morando em pequenas casas, porque tiveram de vender suas terras.⁵

Nesta fala gostaríamos de ressaltar o imbricamento existente entre a ocorrência de transformações estruturais, indicadas na venda das terras e mudança do tamanho das casas, e o processo de modificação do jeito de ser, do jeito de experienciar o lazer, de festejar os dias de sábado na referida comunidade.

O fato é que, homens e mulheres que moram em Helvécia se viram, independente de sua vontade, na condição de terem de viver com o eucalipto, sendo assim o seu cotidiano foi alterado em virtude desta exigência que se dá em razão da implementação de uma atividade voltada para atender aos princípios do agro-negócio. Vejamos um pouco mais de perto como se processa essa relação.

A paisagem na região do Extremo Sul da Bahia vem sendo diuturnamente modificada pela ação de empresas que plantam eucalipto para atender aos interesses do mercado internacional, ávido pela celulose, matéria-prima para a produção de papel. Mais precisamente a Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S/A, Veracel e Aracruz Celulose, que fazendo uso de um discurso persuasivo, acenam com promessas de progresso e de geração de empregos para a comunidade local, ao mesmo tempo em que imprime, de forma avassaladora, uma homogeneização dos espaços agrícolas onde antes predominava a diversidade⁶.

O distrito de Helvécia, pertencente ao município de Nova Viçosa, está situado a 958 Km de Salvador e a rodovia de acesso ao mesmo é a BR 418. A princípio, o que chama a atenção neste distrito não é uma singularidade, mas sim o fato do mesmo, como tantos outros na região, estar sendo tomado pela plantação de eucalipto. Entretanto, uma leitura mais cuidadosa deste lugar nos faz ver suas idiossincrasias, e nos revela a existência de uma comunidade predominantemente afro-descendente, reconhecida desde dezanove de abril de 2005⁷ como área remanescente de quilombo, que, diante de dismantelamentos estruturais, busca se organizar a partir de ações individuais e coletivas no sentido de continuar a existir.

Em sua origem, o hoje denominado distrito de Helvécia foi formado por colonos alemães, suíços e franceses, que no início do século XIX construíram ao longo das margens do Rio Peruípe, doze léguas acima de Nova Viçosa, na então comarca de Caravelas, no extremo sul da Província da Bahia, a colônia Leopoldina. Seu fundador foi George Eilhem Freireyss e o nome Helvécia é de origem suíça (Helvetia)⁸. A principal atividade econômica ali desenvolvida neste

⁴ Diferentemente daquilo que é afirmado, o Bate-barriga não deixou de existir em Helvécia. Para saber mais sobre o Bate-barriga ver a dissertação “A dança Bate-barriga em Helvécia, um espaço fabricante de performances afrodescendentes no Extremo Sul da Bahia” desenvolvida pelo professor Valdir Nunes dos Santos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Depoimento n. 1595/05 de 18/10/2005, na Comissão de Meio Ambiente Sustentável da Câmara dos Deputados – DETAQ, dado pela senhora Roseli Ricardo Constantino, integrante da Associação Quilombola de Helvécia, pedagoga e professora daquela comunidade.

⁶ Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o extremo sul baiano estava, em 2004, entre as cinco regiões mais produtivas do Estado por conta de sua diversificação produtiva. Tal dado pode ser lido como uma resistência à implantação dos projetos agro-industriais pautados em monoculturas.

⁷ Reconhecimento através da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura.

⁸ A respeito do nome do distrito, encontra-se na adequação do PDU 2004 de Nova Viçosa, p.49 a informação de que à época da instalação da estrada de ferro Bahia-Minas (1897) a estação no quilômetro 74 foi denominada Helvécia dando assim origem ao nome da localidade. Acervo SEPLAN CAR - CAB SALVADOR

período era a produção cafeeira, a mão-de-obra utilizada em consonância com o modelo econômico brasileiro, era escrava.⁹

Com a intensificação das lutas contra a escravidão, que acabou por engendrar a abolição em 1888, e a ocorrência do deslocamento da produção cafeeira para outras áreas geográficas do Brasil, a colônia Leopoldina entrou em crise e os colonos a abandonaram. Porém, muitos dos ex-cativos permaneceram nas terras vizinhas das antigas plantações de café, praticando uma cultura de subsistência em que foram sucedidos por seus descendentes.

No ano de 1897 a inauguração da estrada de ferro Bahia – Minas, ao instalar uma estação em Helvécia dinamiza a economia local, incrementando o comércio interno de produtos agrícolas ao mesmo tempo em que emprega membros da comunidade. A partir desta ferrovia os habitantes de Helvécia passaram a exportar farinha de mandioca para o porto de Caravelas e para o interior de Minas Gerais¹⁰.

Bem mais tarde, em 1966, Helvécia sofre o impacto da desativação da estrada de ferro e seus moradores passam a ter grandes dificuldades para escoar a produção agrícola. Este fato colabora para que a comunidade se volte à produção de subsistência, trabalhando a terra através de núcleos familiares e desenvolvendo a prática de pequenos cultivos agrícolas utilizados para abastecer o mercado interno, e em menor escala, em razão das dificuldades de transporte, as feiras semanais de Nova Viçosa e Caravelas.

É neste contexto que se dá a implantação da monocultura do eucalipto, prática que vem sendo realizada de forma sistemática na região do Extremo Sul baiano desde 1970 e que, aos poucos, vai se apossando das terras daquela comunidade até que se chegue à situação atual, onde o distrito de Helvécia está encravado dentro de um grande eucaliptal.

Diferentemente daquilo que é desejado, não só pela Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S/A, Veracel e Aracruz Celulose, mas também pelos seus defensores, sejam eles membros da sociedade civil ou representantes de poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário, não há unanimidade por parte da população local na aceitação desse *script* monocultor, que se proclama progressista, e por essa razão, grupos organizados tais como Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs), o Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Extremo Sul da Bahia (CDDH), a Rede Alerta Contra o Deserto Verde, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e o Centro de Estudos e Pesquisas do Desenvolvimento para o Extremo Sul (CEPEDES), entre outros, resistem através de lutas, pesquisas, análises e denúncias do significado da implantação dessas empresas e do projeto agro-exportador corporificado pelas mesmas na região do Extremo Sul Baiano.

São estes grupos, entre outros tantos, que ao encenarem o seu contrateatro fazem ver diferentes leituras da implantação da eucaliptocultura no Brasil e discordam da assertiva veiculada na mídia “Papel e celulose: uma vocação brasileira.”¹¹

Ao fazermos alusão à idéia da existência de encenações na sociedade, estamos empregando uma metáfora utilizada por Thompson para se referir à complexidade das relações sociais. Segundo este autor, há dentro da sociedade o desenrolar de um teatro, onde os detentores do poder representam seu *script* e esperam que os despossuídos façam aquilo que está determinado no mesmo. Ocorre que, por sua vez, os despossuídos questionam e/ou não se adequam a este, encenando um contrateatro (THOMPSON, 2001, p.239).

⁹ LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/helvecia.htm>. Acessos em 25 out. 2006.

¹⁰ IDEM

¹¹ Propaganda veiculada pela Tenenge – Técnica Nacional de Engenharia S.A. na revista ANAVE maio –junho 1995. Arquivo Jornal A Tarde, Salvador.

Mostrando-se alheias às denúncias e preocupações dos movimentos sociais, as empresas Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S/A e Aracruz Celulose realizam o plantio de eucalipto no distrito de Helvécia de forma a ocupar diferentes tipos de propriedade, desde latifúndios até pequenas glebas que pertenciam a famílias camponesas que faziam uso das mesmas para atender às suas necessidades de subsistência e alinhavam seu viver a partir deste labor.

Compreende-se aqui que os costumes, tecidos na convivência destes sujeitos históricos, tenham orientado suas relações com as empresas produtoras de eucalipto.

Em um primeiro momento, houve por parte de integrantes da comunidade, a esperança de que ali estaria se iniciando um novo tempo de progresso e conquistas para o distrito de Helvécia. Porém, com o passar dos anos, as fraturas entre o prometido e o realizado começam a se fazer visíveis; os empregos gerados não atendem às expectativas, intencionalmente alimentadas pelos defensores das empresas, a comunidade tem suas representações sociais muitas vezes desvalorizadas pelos funcionários do alto escalão, normalmente vindos da região Sul e Sudeste do Brasil, o dinheiro adquirido com a venda das terras, diferentemente daquilo que se havia imaginado, não foi nenhuma fortuna e ao ser usado para atender aos apelos consumistas de compra de uma casa, de utensílios domésticos e coisas do gênero foi corroído.

Diante desta realidade, a comunidade vê-se obrigada a deslocar-se de seu lugar em busca de alternativas de emprego e sobrevivência. Esses deslocamentos ocorrem tanto para destinos próximos do distrito, como a cidade de Nova Viçosa e Teixeira de Freitas, como para capitais, entre as quais Vitória, Salvador, São Paulo e Belo Horizonte. O fato destes deslocamentos se acentuarem nos últimos anos indica, entre outros aspectos, que o “progresso” não incorporou os habitantes daquela comunidade, ao contrário, fez parte dele a expulsão da gente que sempre viveu naquele lugar.

Podemos compreender as afirmações anteriores a partir das seguintes indagações:

Em Vitória, encontrei mais de 10 pessoas da minha comunidade, em função deste êxodo: as pessoas têm saído de sua comunidade para morar nas periferias dos grandes centros. Se há realmente uma melhora, onde ela está? Por que todos os anos, nas festas tradicionais da comunidade, recebemos tantos moradores de Helvécia, do Município Nova Viçosa? Se como os expositores mostraram no quadro, é realmente bom, não era para tantos moradores do município de Nova Viçosa estarem morando em São Paulo, Salvador e em outros Estados do País.¹²

Além destes grupos que se vêm lançados a, independente de sua vontade, movimentar-se pelos espaços em busca de trabalho e condição de vida, temos em Helvécia, aqueles que resistem às pressões, não vendem suas terras e não se deixam seduzir pelas promessas de modernidade e progresso, mesmo que isso signifique, na prática, ficar ilhado dentro daquele espaço físico e ter seu sítio encravado dentro de uma “prisão verde”, tendo inclusive, dificuldades de se deslocar por espaços antes seus conhecidos.

Neste sentido, é importante que as “resistências miúdas” sejam dadas a ver à sociedade, no intuito de que se perceba a força que há em não se deixar sucumbir pelas opressões articuladas no bojo das instituições, que se apresentam como propagadoras do progresso econômico local.

¹² Depoimento n. 1595/05 de 18/10/2005, na Comissão de Meio Ambiente Sustentável da Câmara dos Deputados – DETAQ, dado pela senhora Roseli Ricardo Constantino, integrante da Associação Quilombola de Helvécia, pedagoga e professora daquela comunidade.

Logo quando chegou, a primeira pessoa que a firma procurou pra vender as terras foi meu pai. Primeira pessoa..., queria troca, queria tirar do meu pai aquela terra que nós tem hoje pra levar prum lugar longe... Ai meu pai chegou, conversou com minha mãe, por que eles falaram que essa terra do meu pai não era uma terra boa e que a outra que eles ia colocar o meu pai era uma terra melhor. Ai quase fazia a cabeça do meu pai. Ai minha mãe disse: Não, de jeito nenhum, porque nossa terra é pertinho do Comércio [Helvécia] e eles tão levando nós num lugar longe. Como que nós vai? Nós num temos carro, não tem nada, como que nós vamo trabalhar? Aí que minha mãe, eu alembro como hoje, eu era pequena, minha mãe tirou da cabeça do meu pai. Mas ele queria, porque a terra era melhor, ai o pessoal da, da, não era Aracruz, era a Rio Doce que chegou, querendo mermo trocar nossa terra, mais nós não aceitou não. Minha mãe não deixou aceitar, que se não ia ser pior pra nós. Como que nós ia trabalhar? E lá não, nós saía de casa de manhã, 07:00 horas, 07:15. 07:20 nós já tava na roça trabalhando. Já se nós fosse trocar a terra ia ser num lugar mais longe, ter que ir de manhã e só chegar de noite em casa, [...] e tá lá até hoje, os companheiro dele ninguém tem, só ele, faleceu e deixou lá, pra nós.¹³

É importante ressaltar aqui o fato de que o poder e a força das camadas populares devem ser entendidos como diversos e contraditórios, ou seja, nas atuações destes grupos há também espaços para negociações, omissões e apatias frente a processos que lhes são prejudiciais. Sendo assim, as ações das camadas populares não devem ser tomadas como uma maneira de mitificar esses grupos, homogeneizando-os e praticando uma espécie de heroização do povo. O que existe de significativo neste tipo de ação, é a premissa de que os acontecimentos históricos não são um mero reflexo dos interesses dos dominadores, mas sim o resultado de conflitos que envolvem diferentes anseios, projetos, modelos de vida, e que nem sempre os resultados destes conflitos atendem por inteiro aos interesses dos grupos dominantes.

Ainda naquilo que concerne à gama de possibilidades existentes na atuação das pessoas frente à realidade é bom lembrar que “uma mesma mudança, nascida da ação humana, pode ser colocada sob muitas descrições” (RICOEUR, 1994, p. 208), em sendo assim, claro está, que, nas falas dos homens e mulheres de Helvécia, quando convidados a narrarem suas memórias, encontraremos elementos eivados de subjetividade, de inconstâncias e por isso mesmo não lineares, não uníssonos, plenos inclusive de contradições.

Tendo clareza destas ressalvas e de sua importância na análise das relações cotidianas, podemos trazer agora, o fato de a entrevistada expressar, em sua fala, a ocorrência de uma ruptura com aquilo que estava à época sendo o comportamento padrão, qual seja, vender as terras. Esta ruptura teria se dado, em razão da defesa daquilo que entendemos como sendo uma indicação da existência de “normas surdas”, as quais, segundo Thompson, podem vir a ser descobertas a partir do exame de episódios atípicos (THOMPSON, 2001). Assim, o pai da entrevistada, diferentemente de seus companheiros, não aceita vender nem trocar suas terras, “tá lá até hoje, os companheiro dele ninguém tem, só ele, faleceu e deixou lá, pra nós”. O fato de se tratar de uma decisão individual não minimiza sua importância ou elimina a possibilidade de sua ação estar pautada na existência de normas, provavelmente aqui, e esta é uma proposição que me arrisco a fazer, normas estas ligadas ao costume de agregar a idéia de segurança ao fato de ser dono de um pedaço de terra. Ainda no campo das probabilidades, podemos inferir que as orientações pragmáticas orquestradas pela mãe da entrevistada,

¹³ Sra. Célia Maria Silva Zacarias. Entrevista concedida à autora em 15/03/2007.

Ai minha mãe disse: Não, de jeito nenhum, porque nossa terra é pertinho do Comércio [Helvécia] e eles tão levando nós num lugar longe. Como que nós vai? Nós num temos carro, não tem nada, como que nós vamo trabalhar? Aí que minha mãe, eu alembro como hoje, eu era pequena, minha mãe tirou da cabeça do meu pai¹⁴,

estejam relacionadas a normas costumeiras do processo produtivo, onde ter uma terra próxima ao “comércio” estabelece uma relação direta com o tempo do trabalho, posto que, deslocar-se para a roça não requeria uma grande demanda de tempo, aproximando desta forma os espaços e ritmos de trabalho, moradia, lazer. Essa “arquitetura de produção”, por seu turno, contribuiria para a não fragmentação destes homens e mulheres, integrando-os à vida da comunidade.

Acerca das relações da comunidade com as empresas supracitadas, há registros de que, quando da implantação do empreendimento monocultor de eucalipto na região de Helvécia a população local apoiava e tinha expectativas positivas em relação a este cultivo, entretanto este apoio se dissolve na construção de uma realidade muito aquém das promessas feitas. Neste sentido é adequado ouvirmos a fala da senhora Roseli Constantino Ricardo, segunda ela, Helvécia é

(...) uma comunidade que foi completamente destruída pela monocultura do eucalipto. Como os colegas já disseram, não somos contra o progresso. Quando as empresas chegaram, houve euforia. Todos quiseram a vinda das empresas, porque esperávamos que elas trouxessem benefícios para a nossa comunidade. (...) Além da monocultura do eucalipto não ter trazido o progresso que tanto esperávamos, trouxe a destruição. Para onde Helvécia vai crescer? Uma comunidade com cinco mil habitantes está completamente cercada pelo eucalipto, sem nenhuma perspectiva de crescimento, porque não tem para onde. O plantio não respeitou o espaço. p.23 (grifo nosso)

Podemos deduzir a partir deste depoimento que as pessoas que pertencem à comunidade quilombola de Helvécia têm seus próprios instrumentos de análise da realidade, instrumentos estes que são colocados a serviço de sentir, explicar e compreender o que aconteceu nas suas vidas diárias, desde a chegada do eucalipto no seu lugar.

No primeiro momento elas registram o clima de esperança e euforia que, de certa forma, tomou conta de parte da comunidade em razão da perspectiva de aumento da oferta de empregos e conseqüentemente da possibilidade de ascensão social. Para em seguida denunciar suas frustrações em relação ao progresso desejado, e não vivenciado, bem como ao desrespeito das empresas de eucalipto para com o espaço.

São essas vidas que, desrespeitadas, hoje se organizam, de forma coletiva, no sentido de atuar dentro de um processo dialético entre sociedade e espaço. Neste sentido, a questão identitária tem se revelado como força motriz de movimentos de valorização da memória coletiva da comunidade. Tendo, inclusive, engendrado o processo de reconhecimento da mesma como área remanescente de Quilombo¹⁵.

¹⁴ Sra. Célia Maria Silva Zacarias. Entrevista concedida à autora em 15/03/2007.

¹⁵ Esclarece-se aqui que as pesquisas já realizadas indicam que não há por parte de toda a comunidade uma aceitação de que a mesma seja de fato uma área remanescente de quilombo, tais informações foram obtidas junto a membros da comunidade mas de maneira não formal, o que implica dizer que não foi fruto de uma entrevista gravada. Tal questão será abordada nas próximas entrevistas feitas em visitas futuras ao distrito.

Tal fato, além de sugerir uma valorização das representações sociais locais, poderá vir a contribuir, não sem conflitos judiciais¹⁶, para uma nova composição da questão da propriedade da terra no distrito de Helvécia, posto que o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição vigente no País garante “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”¹⁷

No depoimento de Roseli Constantino Ricardo, um outro dado que podemos observar e que se faz significativo para o desenvolvimento da problematização que ora se pretende fazer, diz respeito às necessidades e expectativas daquela comunidade à época da implantação do plantio de eucalipto. Entendemos que as necessidades humanas são recriadas, e que a sociedade contemporânea de consumo, dentro da sua concepção de modernidade, imprime, principalmente através dos meios de comunicação, mas não apenas através dessas agências, uma série de necessidades materiais. Simultaneamente, assistimos a uma elevação das expectativas materiais em detrimento da valorização das satisfações culturais tradicionais.¹⁸

É dentro deste contexto que os homens e mulheres de Helvécia são chamados a conhecer as promessas de possibilidades de ascensão da sua comunidade através de uma nova inserção no mercado capitalista local, inserção essa que já havia minimamente acontecido quando da época da existência da Estrada de ferro Bahia-Minas.

Neste sentido, podemos nos perguntar, por exemplo, em que medida as pessoas representaram a modernidade e a si mesmas dentro desta idéia, um tanto quanto associada à imagem de consumo. É imaginável que encontremos aqui uma série de sonhos, desejos e vontades de acesso a objetos os mais variados possíveis, e que, a princípio, não poderiam ser adquiridos a partir da organização de trabalho pautada na atividade agrícola de subsistência.

Entretanto, é fundamental que se discuta e pesquise, as evidências, de espaços de disputa, posto que, apesar da monocultura do eucalipto sobressair na história do lugar, existem ali resistências, permanências e mudanças, que se deixam ver nas micro-histórias que fogem deste modelo. Assim podemos deduzir que moradores de Helvécia tenham se manifestado, à época da implantação das empresas de eucalipto, de forma contrária à dita modernidade, defendendo os costumes tradicionais, pautados numa economia de subsistência, bem como suas representações culturais. Entretanto, é muito provável que tal discurso tenha sido associado à idéia de conservadorismo e porque não dizer “atraso”. Assim não se teria visto neste tipo de proposição um campo de possibilidades de jeito de viver.

Um outro dado necessita ser aqui apresentado, trata-se do fato de que antes da implantação da eucaliptocultura no Extremo Sul da Bahia, havia, na dita região, o predomínio da atividade pecuária realizada em latifúndios. Isso significa dizer que o problema da concentração de terra não é recente, a bem da verdade, no Brasil, a gênese da concentração de terras remonta ao período colonial, quando do estabelecimento das sesmarias.

Contudo, é preciso que se diga que empresas como Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S /A, Veracel e Aracruz Celulose têm dado continuidade e incrementado este processo, a ponto de hoje essas três empresas, segundo dados apresentados por Koopmans, serem proprietárias de 371.156 hectares de terra na região (KOOPMANS, 2005, p.81). Além do plantio

¹⁶No depoimento n. 1595/05 de 18/10/2005, na Comissão de Meio Ambiente Sustentável da Câmara dos Deputados – DETAQ Roseli Constantino Ricardo faz referência ao fato das empresas de eucalipto terem enganado a população no momento da compra e demarcação das terras.

¹⁷ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002, p.159

¹⁸THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

em propriedades próprias, tais empresas adotaram uma outra forma de ampliar a plantação, através da prática do fomento¹⁹, perfazendo hoje²⁰, no Extremo Sul da Bahia, 700 mil hectares de eucalipto plantados.

No município de Nova Viçosa, ao qual pertence o distrito de Helvécia, a concentração de terras nas mãos da Aracruz Celulose e Suzano Bahia Sul Celulose é alarmante. De uma área total de 91.952 ha, 45.118 ha pertencem hoje às referidas empresas, ou seja, 49% da área de um município está a serviço do modelo agro-exportador monocultor de eucalipto (KOOPMANS, 2005, p. 74). Esses dados nos convidam a refletir acerca das dificuldades enfrentadas por homens e mulheres que aí constroem seu cotidiano²¹, especificamente em como pensar e organizar suas vidas para além do eucalipto.

No que se refere ao desmatamento, obviamente os impactos ambientais provocados se fazem dolorosamente visíveis no tempo presente, sendo necessário apenas salientar que algumas áreas hoje utilizadas para o plantio já estavam desmatadas, em virtude de no passado terem sido usadas como pasto.

Naquilo que concerne aos problemas sociais decorrentes do impacto de tal modelo econômico agro-exportador é relevante considerar a questão dos diferentes usos da terra em relação às referidas organizações sociais de produção, quais sejam; pecuária e eucaliptocultura. A pecuária utilizava uma mão-de-obra permanente, personificada na pessoa do vaqueiro e de seus ajudantes. Normalmente essas pessoas moravam na fazenda e desenvolviam uma série de atividades paralelas, entre elas, o cultivo de hortaliças, roçado de milho, mandioca, feijão, a criação de animais de pequeno porte como galinhas ou porcos.

Além disso, as relações de sociabilidade eram tecidas naquele espaço, sendo assim, era comum encontrarmos unidades familiares onde os filhos dos vaqueiros, após ajudar o pai na lida, costumavam se divertir tomando banho de rio, jogando futebol nos campinhos improvisados, catando frutas nos pomares, ouvindo histórias em volta da fogueira em noite de lua cheia. Os meninos e meninas das fazendas, quando estudavam, se organizavam em pequenas comitivas para irem à escola, normalmente situadas nas cidades e vilarejos mais próximos. No final do mês, após o recebimento do parco salário estes trabalhadores iam a cidade fazer as compras dos produtos industrializados, participar de uma festa religiosa, visitar parentes e amigos. Também, em caso de produção de excedentes na lavoura, era comum grupos de trabalhadores se reunirem para levá-los à feira de domingo, onde os mesmos seriam comercializados.

A eucaliptocultura por sua vez ao gerar empregos permanentes faz, em geral, uso de uma mão-de-obra especializada, não absorvendo a população local. Ao contrário disso, é visível a quantidade de pessoas vindas de fora, principalmente da região Sudeste, para ocuparem cargos do alto e médio escalão nas empresas. Prova disso é a existência de bairros, em formato de vilas residenciais, dentro das cidades de Teixeira de Freitas, Mucuri e Itabatã, destinados a atender estes grupos que se deslocaram para o Extremo Sul baiano.

Resta à população local se contentar com a possibilidade dos empregos temporários²², ocorre que aqui também esta população ficará à margem²³, em razão do intenso processo de

¹⁹ Prática segundo a qual produtores rurais firmam contrato com as empresas de eucalipto comprometendo-se em fornecer sua produção de eucalipto às mesmas.

²⁰ Dados segundo informe do Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia (Cepedes) do dia 27 de outubro de 2006.

²¹ Subsiste em Helvécia atividades de produção para subsistência, bem como a comercialização do excedente, quando de sua existência, nas feiras de Caravelas, Nova Viçosa, Teixeira de Freitas, Posto da Mata.

²² Como por exemplo o corte do eucalipto.

²³ É bem verdade, que no momento das obras de construção das fábricas das empresas de eucalipto, ocorre, segundo dados do Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia (Cepedes), a geração de

mecanização que, paulatinamente, vem substituindo um número cada vez mais significativo de braços humanos.

Além disso, está cada vez mais usual a terceirização dos serviços,

A Aracruz dava emprego para todos. Hoje, apenas 2 pessoas da comunidade trabalham na empresa. Esses trabalhadores são jogados para as empreiteiras. A cada dia que passa, surgem novas empreiteiras, que não têm o mesmo compromisso com seus funcionários. Os salários são bem mais baixos.²⁴

Vê-se neste depoimento um misto de desejo e frustração. Há a idéia de que o trabalho na Aracruz é bem remunerado, e por isso mesmo compreendemos que desejado, e de que a empresa, ao implantar o processo de terceirização, teria mudado sua relação com a comunidade, deixando de ter compromisso com seus funcionários, jogando-os para empreiteiras, e por isso mesmo frustrando-os. Podemos pensar esta dualidade para além de uma construção contraditória, se entendermos que ela faz parte de um repertório de ações desta comunidade, repertório este que comporta, simultaneamente, a idéia de resistência e acomodação. (WISSENBACH, 1998, p.27)

Um dado existente no Resumo Público de Certificação da Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. da unidade de Mucuri, com data de 14 de dezembro de 2004, permite que se indique, também nesta empresa, a tendência no sentido de terceirizar os serviços:

A Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. tem 170 funcionários próprios e realiza o manejo florestal contando os serviços de 24 empresas que empregam um número aproximado de 2.500 trabalhadores em várias funções.²⁵ (grifo nosso)

Estes não são números que possam confirmar as promessas feitas de emprego. Talvez seja interessante estabelecer um cruzamento dos dados acima apresentados com aquilo que foi veiculado no jornal A Tarde do dia 23 de junho de 1989, na seção Fatos & Negócios do Caderno de Economia,

Bahia Sul²⁶ aprovada

O Conselho de Proteção do Meio Ambiente (Cepram) aprovou, ontem, a licença de implantação da Bahia Sul Celulose S.A, o que permite a empresa iniciar suas obras. O Cepram já havia autorizado a licença de localização. A Bahia Sul que será implantada no município de Mucuri (extremo sul do estado) representa um investimento de 800 milhões de dólares e produzirá 420 mil toneladas ano de celulose de eucalipto

um número expressivo de empregos, acontece que, passado este período aproximadamente 80% dos empregados são mandados embora.

²⁴ Depoimento n. 1595/05 de 18/10/2005, na Comissão de Meio Ambiente Sustentável da Câmara dos Deputados – DETAQ

²⁵ Resumo Público de Certificação da Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. da unidade de Mucuri, 14-dez-2004, p.5

²⁶ A Bahia Sul é hoje denominada Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. em razão de ter se associado ao grupo Suzano.

branqueado, de acordo com informações do superintendente regional, Élio Régis. A empresa é associada à Vale do Rio Doce e à Suzano, e vai gerar quatro mil empregos diretos.²⁷(grifo nosso)

Ora, a fissura entre o prometido e o ocorrido faz-se visível e nos convida a pensar em quantos sonhos de emprego, estabilidade e ascensão social foram se desfazendo neste percurso transposto entre os sinalizados 4.000 empregos e os 170 disponibilizados. Ainda mais se levarmos em conta que em razão deste discurso – grande oferta de emprego – muitas pessoas de outras regiões se deslocaram para o Extremo Sul baiano com a intenção de “fazer a vida”. É provável que muitos desses homens e mulheres hoje habitem as periferias das cidades da referida região engrossando o número de desempregados, da violência, dos distúrbios familiares, das tristezas, dores e solidões.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/helvecia.htm>. Acessos em 25 out. 2006.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. *Revistas do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História.* PUC-SP, n. 10, dez-1993.
- KOOPMANS, Pe. JOSÉ. **Além do eucalipto:** o papel do Extremo Sul. 2ª ed. Revisada e atualizada, Teixeira de Freitas: Centro de Defesa dos Direitos Humanos, 2005.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum.** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas, UNICAMP, 2001.
- WISSENBACH, Maria Cristina. **Sonhos africanos, vivências ladinas:** escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo, HUCITEC, 1998.

²⁷ Jornal A Tarde, 23-jun-1989, caderno de economia, p. 11 Acervo Instituto Geográfico Histórico da Bahia, Salvador.